

Em que sentido podemos falar de um “sujeito social”?

Aula introdutória do seminário “Caminhos da não-violência”, em 17/03/2010.

Carmen Da Poian

“Entre o individual e o social não há fronteira clara mas campos que se juntam. E é por isso que depois de se ter separado, deve-se novamente juntar o que se separou.” - S. Freud, 1932.

“A realidade que interessa à Psicanálise, é o que acontece a cada indivíduo através do seu pertencimento à realidade humana.” - Nathalie Zaltzman, 1998.

“O que é o Homem para o Homem? Nem um Deus, nem um lobo mas um efeito da cultura.” - Nathalie Zaltzman, 1998.

“Se o sujeito moderno não recebe mais sua mensagem do grande Outro, de onde a recebe hoje? Ele a recebe do consenso social.” - Charles Melman, 2009

Se, como diz Freud, o psiquismo repousa sobre o orgânico tendo aí sua fonte, e sendo a pulsão um conceito-limite entre o somático e o psíquico, creio ser também legítimo considerá-la como um conceito-limite entre o psíquico e o social, já que a pulsão tem a ver com objetos (não determinados mas não só fantasmáticos) que satisfazem seu fim situado na busca do prazer. Esses objetos, mesmo que apresentados fantasmaticamente provêm e são encontrados no social. Todavia trata-se aqui não de um limite enquanto linha nítida (como entre o biológico e o psíquico) mas, no dizer de Claude Le Guen, de uma fronteira, de um lugar de passagem. Mas, é preciso ressaltar, que da mesma maneira que não podemos falar de uma ”pulsão biológica” também não podemos falar de uma “pulsão social” e sim de uma origem e de um caminho da energia psíquica.

Os objetos aos quais nos referimos podem faltar ou falhar e é a intensidade desta falta não suportada que pode gerar a violência ou, no outro extremo, a depressão. Por outro lado é a ilusão do preenchimento total, que o objeto proporcionaria a esta busca pulsional o que gera o gozo.

Hoje, talvez, mais que antes, esta falta é vivida como um grande vazio. Podemos perguntar por quê. Creio que a queda do Patriarcado, dificultando enormemente a passagem ao regime simbólico e levando a mudanças na concepção dos ideais, tornou mais presente esta sensação do nada.

No dizer de Paul-Laurent Assoun: “Se a morte do Pai é o que permitia ao sujeito a entrada no simbólico, era a idealização que permitia ultrapassar esta morte”. São, sem dúvida, os ideais que nos permitem sair do eu-narcísico. Mas o que vemos hoje é que eles tomam um simples valor de mercadoria levando o sujeito a só ter lugar, e a só ser reconhecido, enquanto situado como valor de mercado ou enquanto revestido por uma imagem que a “sociedade do espetáculo” valoriza.

O específico de Psicanálise sempre foi buscar o ser humano em sua singularidade, marcado pela incompletude e por um trabalho constante de luto mas também pela possibilidade de elaboração e de assunção de suas faltas e ausências. Em certo momento a Psicanálise tentou construir um modelo supostamente universal, baseado no sujeito edípico e na Lei do Pai. Mas a evolução sócio-econômica nos obrigou a historicizar nossa prática e nossos conceitos e a nos abrir para outras formas de escuta: escutar os sintomas sociais e a revisitar o Édipo de outra maneira.

Tentamos hoje entender as novas configurações psíquicas, e nos damos conta que o grande Outro de hoje não é mais vertical e que ele nos vem, nas palavras de Melman, “simples e diretamente do consenso social.”

Seguindo esta vertente, (que Lebrun e Dufour nos ajudam a pensar) pode-se afirmar que o inconsciente é social e histórico, constituído pela interação entre o ambiente, os outros e os primeiros outros.

Podemos pensá-lo organizado em três camadas:

- traços da espécie humana;
- traços da sociedade da cultura;
- traços dos primeiros outros que nos cercaram.

O sujeito não só não é mais um sujeito cartesiano (como a invenção da Psicanálise mostrou claramente) mas também se modifica passo a passo, de tal modo que hoje falamos de formas de subjetivação mais do que propriamente de sujeito. Inventamos a cada momento novas maneiras de ser dentro de um social que se, e me, modifica, construindo minha subjetividade. E a singularidade de cada um, tão cara à Psicanálise, está cada vez mais nessa capacidade de invenção.

Mas a tarefa de humanização, que facilita a possibilidade desta invenção, passa necessariamente não só pelos pais e pelas gerações mas muitíssimo pelo entorno social e pela educação. E cada sociedade deveria facilitar a seus membros este trabalho reforçando o capital narcísico inicial presente na continuidade da espécie humana e numa obra comum onde, no dizer de Nathalie Zaltzman, se ancora o narcisismo relativo a cada um.

Todavia, o que vemos hoje é que a organização sócio-psíquica está, sobretudo, baseada na tarefa de sobrevivência, na negação das faltas e das perdas, na busca de objetos concretos que nos preencham, baseada, enfim, na não aceitação da própria realidade do vir-a-ser humano.

Paul Israel nos diz que vivemos uma “ameaça de desumanização” e Dany-Dufour afirma que “a condição humana está em processo de mutação deslocando-se através de constantes flutuações identitárias” na falta de falta de identificações sólidas. Poderíamos, então, apontar para algo que indo além da sensação de desamparo leva-nos ao aniquilamento?

O fato é que parece ser cada vez mais difícil aceitar nossa precariedade enquanto indivíduos assujeitados que somos. Relutamos a consentir que nosso inconsciente mais do que

intersubjetivo é transubjetivo, constituído por uma rede de laços e de identificações individuais e sociais onde as ideologias (que funcionam como o inconsciente da sociedade) nos penetram dia-a-dia.

Creio ser importante, para o paciente que nos chega, começar a se dar conta não só dos determinantes de sua história individual mas da rede de determinações sociais que o organiza, percebendo que seus sintomas provêm também daí e que ele é atravessado por relações múltiplas que o ultrapassam, que ele não pré-existe a elas mas que é seu efeito.

Isto, entretanto, não exclui, bem ao contrário, sua responsabilidade na luta para assumir a si próprio dentro desta intrincada rede de relações.

Mesmo que as proibições não sejam mais as mesmas e que até a impossibilidade esteja sendo negada, há pontos de interdição e de referências que precisam ser construídos e reforçados, não mais fora mas dentro de cada um, entendendo a existência humana como um projeto que se realiza a cada momento da história.

É esta a tarefa da Psicanálise aplicada e do psicanalista hoje: apontar para o conjunto de determinações individuais e sociais que constituem a singularidade, sem esquecer, no entanto, a força vital presente em cada um e que torna o sujeito inserido no universal humano, um ser responsável e capaz de assumir corajosamente seu desejo.

Não é por acaso que os últimos seminários deste genial filósofo que recentemente nos deixou, Jacques Derrida, versavam sobre o sujeito confrontado e constituído pelo outro: o Perdão, a Tolerância, a Compaixão, a Hospitalidade.

Referências

ASSOUN, Paul-Lauren. O sujeito da psicanálise. In: ALTOÉ, Sônia. *A Lei e as leis*. Rio de Janeiro: Revinter, 2007.

DUFOUR, Dany-Robert. *L'art de réduire les têtes*. Paris: Denoël, 2003.

LEBRUN, Jean-Pierre. *Avons-nous encore besoin d'un tiers?* Toulouse: Eres, 2005.

LE GUEN, Claude. La psychanalyse est une anthropologie. In: FREUD, Sigmund. *Le sujet social*. Paris: PUF, 2002.

ISRAEL, Paul. Le mal-être. In: COURNUT, Jean. *Le mal-être, angoisse et violence*. Paris: PUF, 1997.

MELTMAN, Charles. *La nouvelle économie psychique*. Toulouse: Eres, 2009.

ZALTZMAN, Nathalie. *De la guérison psychanalytique*. Paris: PUF, 1998.

_____. *La résistance de l'humain*. Paris: PUF, 1999.